

## **PERFIL E PRÁTICAS SEXUAIS DE UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE MÉTODOS PREVENTIVOS NO CAMPUS DA UFPA EM BRAGANÇA, PARÁ**

Hitalo I. Monteiro Pinheiro<sup>1</sup>, Aldemir B. Oliveira-Filho<sup>1</sup>, Gláucia C. Silva-Oliveira<sup>1</sup>.

Faculdade de Ciências Naturais, Instituto de Estudos Costeiros, UFPA<sup>1</sup>.

\*Correspondência: Profa. Dra. Gláucia Caroline Silva-Oliveira. Faculdade de Ciências Naturais, Instituto de Estudos Costeiros, Campus de Bragança, Universidade Federal do Pará. Alameda Leandro Ribeiro, s/n. CEP: 68.600-000. Aldeia. Bragança PA, Brasil. E-mail: gcoliveira@ufpa.br.

Suporte Financeiro: Fundação Amazônia Paraense de Amparo à Pesquisa (FAPESPA).

### **RESUMO**

O termo sexualidade, em um sentido comum e popular, muitas vezes é tomado como sinônimo de sexo e relação sexual, também é caracterizado por um conjunto de expressões ou comportamentos do ser humano. Mediante a esse contexto, muitos jovens enveredam na busca do prazer com comportamentos que aumentam o risco de adquirir infecções sexualmente transmissíveis (IST) e de uma gravidez não planejada, pois praticam com frequência o ato sexual sem proteção nenhuma. Dessa forma, este estudo traçou o perfil de uma população de universitários sobre os aspectos que envolvem o conhecimento sobre métodos de prevenção a IST e a gravidez não planejada, assim como as práticas sexuais com relação ao sexo seguro. A partir de uma abordagem quantitativa e qualitativa, o estudo contou com a participação de 257 estudantes universitários do Campus de Bragança (UFPA), Pará. Observou-se que alguns estudantes citaram métodos preventivos que não protegem contra IST. Além disso, a maioria da população iniciou a vida sexual durante a adolescência, havendo também o registro de iniciação sexual durante a infância. Entretanto, observou-se que a maioria pratica o sexo seguro. Entretanto, houve relatos de homens e mulheres que praticaram o sexo desprotegido durante o primeiro ato sexual e em suas práticas atuais. Assim, noções informativas devem ser consideradas para auxiliar num melhor direcionamento das práticas sexuais, fortalecendo princípios de proteção contra IST e auxiliando a promoção de uma boa vida sexual.

Palavras-chaves: Sexualidade, vida sexual, universitários.

## INTRODUÇÃO

O termo sexualidade, em um sentido comum e popular, muitas vezes é tomado como sinônimo de sexo e relação sexual<sup>1</sup>. Enquanto o sexo refere-se a definição dos órgãos genitais, ou também a relação sexual, o conceito de sexualidade está ligado a tudo aquilo que somos capazes de sentir e expressar<sup>2</sup>. Baseado na psicanálise freudiana, Bearzoti<sup>3</sup> desenvolveu o conceito de sexualidade como: energia vital instintiva direcionada ao prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação. A sexualidade também é caracterizada por um conjunto de expressões ou comportamentos do ser humano, de modo a influenciar todo o ciclo de vida, por estar relacionada a fatores biológicos, psicológicos e sociais, dentre estes a procriação e a autoafirmação social e individual<sup>4</sup>.

A história da sexualidade é marcada por mitos, tabus, preconceitos, interdições e relações de poder. A partir do século XX, este assunto tem sido tratado de forma mais intensa, sendo fonte de questionamentos e reflexões sobre certos comportamentos e proibições, tal movimentação vem auxiliando na quebra de modelos e tabus<sup>5,6</sup>. Em meio a estas transformações no pensar e agir, as relações sexuais ganharam um enfoque menos comprometido, pois a partir dos avanços nos métodos contraceptivos e de prevenção a infecções sexualmente transmissíveis (IST), os indivíduos estão se tornando também mais livres e protegidos para a busca do prazer<sup>7</sup>. Em meio a essa nova concepção de liberdade, muitos jovens passaram a iniciar suas práticas sexuais de maneira desordenada, precocemente, sem a segurança necessária para prevenir doenças e uma gravidez indesejada<sup>8,9</sup>.

Em um estudo realizado com 960 universitários em diversas instituições de ensino superior, em Portugal, verificou-se que muitos jovens mantem relação sexual com comportamentos que aumentam o risco de contrair IST e de uma gravidez indesejada, pois praticam com frequência o sexo ocasional e sem compromisso, o sexo utilitário (profissão) e o sexo de partilha (várias pessoas no mesmo momento), sendo estas práticas mais bem evidenciadas em indivíduos do sexo masculino<sup>10</sup>. Outro estudo com universitários no Brasil concluiu que o jovem atual vive um momento de conflito entre a liberdade sexual propagada pelas gerações de 1960 e 1970 e a manutenção de valores tradicionais<sup>11,12</sup>.

A abordagem investigativa sobre o comportamento sexual de jovens é de fundamental importância para compreender os diversos aspectos que permeiam a saúde sexual destes indivíduos. Desta forma, a partir destes perfis pode-se contribuir com informações que possam ser consideradas durante a elaboração de normas e programas integrais de saúde dirigidos às necessidades específicas dessa população. Partindo desse embasamento, este estudo traçou o perfil de uma população de universitários sobre os aspectos que envolvem o conhecimento sobre métodos de prevenção a IST e a gravidez não planejada, assim como as práticas sexuais deste grupo.

## **MÉTODOS**

O estudo tem abordagem quantitativa e qualitativa, em que o instrumento para coleta de informações foi um questionário contendo 18 questões relacionadas ao tema, sendo estas abertas, semiabertas e fechadas. A amostra populacional foi constituída por estudantes da Universidade Federal do Pará, abordados no Campus de Bragança (Bragança PA, Brasil), o qual possuía oito cursos de graduação (Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Ciências Naturais, Licenciatura em História, Licenciatura em Letras - Português, Licenciatura em Letras - Inglês, Licenciatura em Matemática, Pedagogia e Engenharia de Pesca). No total, o Campus de Bragança (UFPA) tem matriculado 1.230 estudantes de graduação no período regular.

A coleta de dados ocorreu de fevereiro a março de 2015, concomitantes as atividades didáticas das turmas. As turmas foram selecionadas de maneira aleatória, de forma que se obtivesse uma amostra representativa desta (com pelo menos 10% da população total). Dessa forma, os estudantes foram esclarecidos sobre os objetivos do estudo e convidados a participarem por meio do preenchimento de um questionário anônimo. O questionário era composto por três sessões, sendo a primeira destinada ao perfil sócio demográfico, a segunda as questões relacionadas ao conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e questões relacionadas ao comportamento de risco como uso de métodos de prevenção (MP), e a terceira sobre as práticas sexuais. Este estudo integra o projeto de pesquisa “Infecções sexualmente transmissíveis: do laboratório à sala de aula” aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Pesquisa em Oncologia, Universidade Federal do Pará.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Perfil sócio-demográfico

Participaram deste estudo 257 estudantes, os quais representam 21% da população de universitários do Campus de Bragança (UFPA). Em linhas gerais, a maioria dos universitários pertencia ao sexo feminino (63,4%), com idades de 20 a 24 (50,6%) anos, solteiros (76,6%), heterossexuais (95,7%) e sem desenvolvimento de atividade remunerada (57,6%) (Tabela 1). Com relação ao início da vida sexual, 28% dos universitários informaram que ainda não possuem vida sexual, este fato é mais notório em estudantes do sexo feminino (88,0%).

Tabela 1: Perfil sócio-demográfico de estudantes universitários do Campus de Bragança (UFPA), com relação à atividade sexual.

| Características                 | N (%)      | Atividade Sexual |           |
|---------------------------------|------------|------------------|-----------|
|                                 |            | Sim (%)          | Não (%)   |
| Sexo                            |            |                  |           |
| Feminino                        | 163 (63,4) | 126 (77,3)       | 37 (22,7) |
| Masculino                       | 94 (36,6)  | 89 (94,7)        | 5 (5,3)   |
| Idade                           |            |                  |           |
| 17-19                           | 48 (18,7)  | 35 (72,9)        | 13 (27,1) |
| 20-24                           | 130 (50,6) | 103 (79,2)       | 27 (20,8) |
| >25                             | 79 (30,7)  | 77 (97,5)        | 2 (2,5)   |
| Estado Civil                    |            |                  |           |
| Solteiro                        | 197 (76,6) | 155 (78,7)       | 42 (21,3) |
| Casado                          | 60 (23,4)  | 60 (100)         | 0 (0)     |
| Orientação sexual               |            |                  |           |
| Heterossexual                   | 246 (95,7) | 205 (83,3)       | 41 (16,7) |
| Homossexual                     | 6 (2,3)    | 6 (100)          | 0 (0)     |
| Bissexual                       | 5 (1,9)    | 4 (80)           | 1 (20)    |
| Desenvolve atividade remunerada |            |                  |           |
| Sim                             | 109 (42,4) | 103 (94,5)       | 6 (5,5)   |
| Não                             | 148 (57,6) | 112 (75,7)       | 36 (24,3) |

N: número de estudantes universitários.

## Conhecimentos sobre métodos de prevenção (MP)

O conhecimento sobre os MP tanto para IST quanto para a gravidez foram abordados na segunda parte do questionário. Dessa forma, identificou-se que a maioria (95,7%) dos universitários conhece MP. No entanto, 4,3% informou não conhecer (Tabela 2). Observou-se que apesar da maioria identificar corretamente o MP, alguns estudantes (9,3%) citaram MP que não protegem contra IST: o uso de anticoncepcional, a prática do coito interrompido, a utilização de dispositivo intrauterino-DIU, a laqueadura e o não compartilhamento de seringas. Tal resultado é um dado importante, pois a falta de conhecimento adequado pode influenciar diretamente no comportamento desses estudantes promovendo práticas sexuais de risco.

Embora exista muitos universitários cientes do uso de MP, no geral, ainda observa-se que alguns se confundem empregando MP para gravidez, quando deveriam empregar os MP para IST na questão referente à prevenção da mesma. O baixo nível de conhecimento com relação ao emprego correto de MP contra IST podem interferir na prática do sexo seguro<sup>13</sup>. Segundo o Ministério da Saúde<sup>14</sup>, a falta de conhecimento se interliga diretamente ao processo epidemiológico de contaminação de pessoas jovens por IST no Brasil. Entretanto, mesmo aqueles que possuem um bom nível de conhecimento para os MP, negligenciam o uso aumentando a sua exposição ao HIV e às demais IST<sup>15</sup>.

Em uma análise da vulnerabilidade sexual de estudantes universitários ao HIV/AIDS no Ceará, Bezerra et al.<sup>16</sup> identificaram conhecimentos limitados sobre prevenção ao HIV, assim como baixa percepção do risco que estão sujeitos quando realizam práticas sexuais sem o preservativo. Neste sentido, os dados de Bezerra et al.<sup>16</sup> corroboram com este estudo no sentido de que há um certo desencontro no entendimento quanto ao uso do MP contra IST, e nos alerta para a estimulação de programas educativos que possam auxiliar a esclarecer e orientar esta população.

A respeito do conhecimento sobre MP à gravidez, a maioria (99,6%) informou conhecê-los, sendo que o preservativo foi o mais informado pelos estudantes (90,3%), seguido pelo uso de anticoncepcional (70,4%), dispositivo intrauterino (24,1%), a prática do coito interrompido (1,9%), método de ovulação de Billings (0,4%) e tabelinha (6,2%). Identificou-se que 26,8% estudantes identificam a pílula do dia seguinte como um MP à gravidez. É importante a compreensão de que a pílula do dia seguinte é uma medida de

emergência e não deve ser confundida como um MP usual de prevenção. Vários estudos tem apontado o uso deste procedimento por universitárias, sendo associado ao sexo com mais de dois parceiros sexuais, por terem recebido recomendações de amigos para o uso e por terem relações sexuais sem o uso do preservativo masculino<sup>17, 18</sup>.

Tabela 2: Conhecimento de estudantes universitários sobre métodos preventivos (MP) à gravidez e a infecções sexualmente transmissíveis (IST).

| Temas                     | N (%)      |
|---------------------------|------------|
| Conhece MP à IST          |            |
| Sim                       | 246( 95,7) |
| Não                       | 11 (4,3)   |
| Quais?                    |            |
| Abstinência sexual        | 4 (1,5)    |
| Anticoncepcional          | 12 (4,7)   |
| Camisinha                 | 233 (90,6) |
| Coito interrompido        | 1 (0,4)    |
| DIU                       | 1 (0,4)    |
| Laqueadura                | 1 (0,4)    |
| Não compartilhar seringas | 5 (1,9)    |
| Conhece MP à gravidez     |            |
| Sim                       | 256 (99,6) |
| Não                       | 1 (0,4)    |
| Quais?                    |            |
| Anticoncepcional          | 181 (70,4) |
| Camisinha                 | 232 (90,3) |
| Coito interrompido        | 5 (1,9)    |
| DIU                       | 62 (24,1)  |
| MOB                       | 1 (0,4)    |
| Pílula do dia seguinte    | 69 (26,8)  |
| Tabelinha                 | 16 (6,2)   |

DIU- Dispositivo Intra Uterino; MOB- Método de Ovulação Billings.

## Práticas sexuais

A maioria da população estudada iniciou a vida sexual durante a adolescência, sendo 70,7% entre 14 a 19 anos e 11,6% entre 11 a 13 anos. No entanto, detectou-se que embora seja uma parcela bastante reduzida, há estudantes de ambos os sexos que iniciaram a vida sexual durante a infância entre 8 e 10 anos (Tabela 3). Estes resultados corroboram com diversos estudos no que diz respeito à fase da vida em que se deu a primeira relação sexual dos indivíduos, a adolescência<sup>12,19,20,21,22</sup>. No entanto, nenhum estudo com abordagem em universitários detectou a realização da primeira relação sexual durante a infância.

Silva e Meneses<sup>21</sup> relatam que há uma tendência a ser cada vez mais precoce de início das práticas sexuais. Taquete et al.<sup>23</sup> reforçam que o início precoce da vida sexual é diretamente influenciado por situações socioeconômicas, sendo mais notório em famílias de baixa renda e relaciona também ao abuso sexual de crianças.

Quanto ao uso do MP à gravidez e IST durante o primeiro ato sexual, a maioria, de ambos os sexos, informou ter feito uso, sendo esta prática mais acentuada no sexo feminino (64,2%). Entretanto, observou-se que tanto homens e mulheres também praticaram sexo desprotegido durante o primeiro ato sexual, sendo 48,3% dos homens e 37,7% das mulheres. A consciência a respeito do uso do MP durante o ato sexual entre jovens e adolescentes não está atrelado apenas ao nível de conhecimento, mas também sofre forte influência de fatores comportamentais, psicológicos, econômicos e sociais, principalmente os que se interligam ao convívio escolar e a idade do indivíduo<sup>24</sup>.

A respeito do uso, atualmente, de MP contra IST, observamos que a maioria dos entrevistados (83,2%) afirma usar algum MP para se prevenir contra a IST, enquanto 16,8% dos universitários não faz uso de MP. Este resultado é mais evidente no gênero masculino com 72,2%. Sobre o uso, atualmente, de MP contraceptivo, a maioria (77,2%) faz uso de algum método preventivo durante o ato sexual. No entanto, a parcela da população que não utiliza é mais evidente nos indivíduos do sexo masculino (55,1%). Quando indagados sobre a utilização de um MP contraceptivo e contra a IST, a maioria (99%) informou que usa esporadicamente o preservativo. No entanto, ainda observaram-se pessoas que relatam não utilizar nenhum método de MP (1%). A maioria (56,3%) tem práticas sexuais semanais ou mensais (30,7%). Com relação à gravidez, a maioria (80%) informou que nunca passou por esta experiência, tanto no contexto masculino quanto no feminino.

Tabela 3: Práticas sexuais de estudantes universitários do Campus de Bragança (UFPA).

| Práticas                                              | Gênero        |              | Total (%)  |
|-------------------------------------------------------|---------------|--------------|------------|
|                                                       | Masculino (%) | Feminino (%) |            |
| Idade do 1º ato sexual                                |               |              |            |
| 8– 10                                                 | 3 (1,4)       | 6 (2,8)      | 9 (4,2)    |
| 11-13                                                 | 13 (6,0)      | 12 (5,6)     | 25 (11,6)  |
| 14-19                                                 | 67 (31,2)     | 85 (39,5)    | 152 (70,7) |
| 20-24                                                 | 5 (2,3)       | 21 (9,7)     | 26 (12,1)  |
| >25                                                   | 1 (0,4)       | 2 (0,9)      | 3 (1,4)    |
| Uso de MP à gravidez e IST durante o 1º ato sexual    |               |              |            |
| Sim                                                   | 46 (21,4)     | 81 (37,6)    | 127 (59,1) |
| Não                                                   | 43 (20)       | 45 (20,9)    | 88 (40,9)  |
| Uso de MP à IST atualmente                            |               |              |            |
| Sim                                                   | 63 (29,3)     | 116 (53,9)   | 179 (83,2) |
| Não                                                   | 26 (12,1)     | 10 (4,6)     | 36 (16,8)  |
| Uso de MP à gravidez atualmente                       |               |              |            |
| Sim                                                   | 62 (28,8)     | 104 (48,4)   | 166 (77,2) |
| Não                                                   | 27 (12,5)     | 22 (10,2)    | 49 (22,8)  |
| Frequência de uso de MP à gravidez e a IST atualmente |               |              |            |
| Sempre                                                | 43 (20)       | 64 (29,7)    | 107 (49,7) |
| Algumas vezes sim, outras não                         | 45 (20,9)     | 61 (28,4)    | 106 (49,3) |
| Nunca                                                 | 1 (0,4)       | 1 (0,4)      | 2 (1)      |
| Frequência de ato sexual atualmente                   |               |              |            |
| Semanal                                               | 60 (27,9)     | 61 (28,4)    | 121 (56,3) |
| Mensal                                                | 18 (8,4)      | 48 (22,3)    | 66 (30,7)  |
| Anual + muito raro                                    | 11 (5,1)      | 17 (7,9)     | 28 (13)    |
| Você ou seu parceiro já ficaram gestantes?            |               |              |            |
| Sim                                                   | 15 (6,9)      | 28 (13)      | 43 (20)    |
| Não                                                   | 72 (33,5)     | 96 (44,6)    | 172 (80)   |
| Você ou seu parceiro já utilizaram métodos abortivos? |               |              |            |
| Sim                                                   | 2 (0,9)       | 11 (5,1)     | 13 (6)     |
| Não                                                   | 87 (40,4)     | 115 (53,5)   | 202 (94)   |
| Tem filhos?                                           |               |              |            |
| Sim                                                   | 15 (6,9)      | 27 (12,5)    | 42 (19,5)  |
| Não                                                   | 74 (34,4)     | 99 (46)      | 173 (80,5) |

Você já traiu?

|     |           |            |            |
|-----|-----------|------------|------------|
| Sim | 34 (15,8) | 23 (10,7)  | 57 (26,5)  |
| Não | 58 (26,9) | 100 (46,5) | 158 (73,5) |

MP. Método preventivo

Ao relacionar comportamentos que podem acentuar ainda mais os riscos para indivíduos que praticam o sexo desprotegido, indagou-se quanto à fidelidade dos parceiros sexuais, e a maioria (73,4%) dos estudantes informou ter um parceiro fixo e que se mantinham fiéis a estes com relação às práticas sexuais.

Com relação ao gênero, tanto homens (63,0%) quanto mulheres (80,6%) confirmam estas práticas. Dentre as práticas que levam a infidelidade sexual mais citada estavam relacionadas a dificuldades no relacionamento em termos de confiança mútua, maturidade, respeito, ciúme e forte atração sexual por outras pessoas.

Azevedo et al.<sup>25</sup> constataram que umas das razões mais comuns para o não uso do MP entre os parceiros estão extremamente ligados à falta de confiança no parceiro, principalmente destacada pelo gênero feminino. No estudo de Silva e Vargens<sup>26</sup>, sobre a percepção de mulheres universitárias quanto a vulnerabilidade feminina para contrair IST/HIV, verificaram que estas possuem baixa percepção quanto a sua vulnerabilidade. Estes autores concluem que a visão que elas possuem é de que as IST é uma doença do outro.

Além disso, a desconfiança do parceiro, a recusa do uso do preservativo, a situação de risco social e pessoal que vivem com o seus parceiros são fatores que influenciam as universitárias a aceitarem as práticas sexuais sem o uso do preservativo. No mesmo estudo, os autores frisam que as relações em que as desigualdades de gênero são menos assimétricas a vulnerabilidade relacionada a estes fatores pode ser mais reduzida.

## CONCLUSÕES

Este estudo apontou que embora a maioria da população universitária pratique o sexo seguro, algumas noções informativas devem ser consideradas para auxiliar em um melhor direcionamento das práticas sexuais, fortalecendo e auxiliando a estes indivíduos uma boa saúde sexual.

## REFERÊNCIAS

1. Melo ASAF, Santana JS da S. Sexualidade: concepções, valores e condutas entre universitários de Biologia da UEFS. Revista Baiana de Saúde Pública 2005; 29. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/view/998>
2. Falcão Júnior JSP, Lopes EM, Freitas LV, Rabelo STO, Pinheiro AKB, Ximenes LB. Perfil e práticas sexuais de universitários da área de saúde. Escola Anna Nery 2007, 11: 58-65. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452007000100008>.
3. Bearzoti P. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. Arquivos de Neuro-Psiquiatria 1994; 52:113-117. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1994000100024>
4. Menke CH, Rivoire WA, Passos EP, Freitas F. Rotinas em ginecologia. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed 2010; 736 p.
5. Martins PCR, Soldatelli MM. Sexo e poder: uma reflexão histórica. Revista Brasileira de Sexualidade Humana 1998; 9:29-34.
6. Costa JC. Reflexões sobre sexualidade, corpo e poder no ambiente escolar a partir do programa saúde na escola. Trabalho de conclusão de curso em saúde coletiva e educação na saúde, do programa de pos graduação em educação da faculdade de educação de UFRJ para obtenção do curso de especialista. 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114781/000954347.pdf?sequence=1>
7. Loyola, MA. Sexualidade e medicina: a revolução do século XX. Cadernos de Saúde Pública 2003; 19: 875-884. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2003000400002>.
8. Sasaki RSA, Leles CR, Malta DC, Sardinha LMV, Freire MCM. Prevalência de relação sexual e fatores associados em adolescentes escolares de Goiânia, Goiás, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva 2015; 20: 95-104. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014201.06332014>.

9. Gonçalves H, Machado EC, Soares ALG, Camargo-Figuera FA, Seerig LM, Mesenburg M, Arndt GMC, Barcelos RS, Buffarini R, Assunção MCF, Hallal PC, Menezes AMB. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia* 2015; 18: 25-41. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-5497201500010003>.
10. Antunes MTC. Atitudes e comportamentos sexuais de estudantes do ensino superior. 1ª ed. Coimbra: Formasau 2007; 199p.
11. Zampieri MC. O sexo na universidade: um estudo sobre a sexualidade e o comportamento sexual do adolescente universitário. 1ª Ed. São Paulo: Arte & Ciência 2004; 124p.
12. Mello L, Souza MR, Santos NM. *Sexualidades de estudantes universitários: um estudo sobre valores, crenças e práticas sociais na cidade de Goiânia*. Sociedade e Cultura 2008; 11: 102-111.
13. Paiva V, Venturi G, França-Jr I, Lopes F. Uso de preservativos. Pesquisa Nacional MS/Ibope 2003. Disponível em: [http://www.aids.gov.br/sites/default/files/artigo\\_preservativo.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/artigo_preservativo.pdf)
14. Ministério da Saúde, Brasil. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira de 15 a 54 anos, 2004. Boletim Epidemiológico AIDS, 2004. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/final/dados/BOLETIM2.pdf>.
15. Barbosa GR, Garcia FCP, Manzato AJ, Martins RA. Conhecimento sobre DST/AIDS, Hepatites e conduta sexual de universitários de São José do Rio Preto, SP. *Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis* 2006; 18:224-230.
16. Bezerra EO, Chaves ACP, Pereira MLD, Melo FRG. Análise da vulnerabilidade sexual de estudantes universitários ao HIV/AIDS. *Revista da rede de Enfermagem do Nordeste* 2012; 13: 1121-1131.
17. Borges ALV, Fujimori E, Hoga LAK, Contin MV. Práticas contraceptivas entre jovens universitários: o uso da anticoncepção de emergência. *Cadernos de Saúde Pública* 2010; 26: 816-826.

18. Bastos S, Bonfim JRA, Kalckmann S, Figueiredo R, Fernandes MEL. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e procura da contracepção de emergência em farmácias e drogarias do município de São Paulo. *Saúde e Sociedade* 2009; 18: 787-799.
19. Fonseca MG, Bastos FI, Derrico M, Andrade CLT, Travassos C, Szwarcwald CL. AIDS e grau de escolaridade no Brasil: evolução temporal de 1986 a 1996. *Cadernos de Saúde Pública* 2000; 16: S77-S87.
20. González-Serrano A, Zabalgoitia MTHM. Práticas e satisfação sexual em jovens universitários. *Revista Latinoamericana de Medicina Sexual* 2013; 2: 22-28.
21. Silva M, Meneses R. Educação para a Saúde e Atitudes Sexuais de Estudantes Universitários. In: VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Braga, 2010. Disponível em: [http://www.actassnip2010.com/conteudos/actas/PsiSaude\\_16.pdf](http://www.actassnip2010.com/conteudos/actas/PsiSaude_16.pdf).
22. Abreu LMN, Tavares AS. Práticas contraceptivas e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis entre acadêmicos de enfermagem. *Cogitare Enfermagem* 2012; 17:315-21.
23. Taquette SR, Vilhena MM, Paula MC. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 2004; 37: 210-214..
24. Pirotta KCM, Schor N. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. *Revista de Saúde Pública* 2004, 38: 495-502.
25. Azevedo RLW, Coutinho MPL, Saldanha AAW. Frequência do uso do preservativo e percepção de vulnerabilidade para o HIV entre adolescentes. In: Livro do 7º Congresso Virtual HIV/AIDS: O VIH/SIDA na Criança e no Idoso; 2006; Lisboa: Associação Lusófona para o Desenvolvimento do Conhecimento; 2007. p. 45-51. Disponível em: [http://www.aidscongress.net/Modules/WebC\\_AidsCongress/CommunicationHTML.aspx?Mid=36&CommID=325](http://www.aidscongress.net/Modules/WebC_AidsCongress/CommunicationHTML.aspx?Mid=36&CommID=325).
26. Silva CM, Vargens OMC. A percepção de mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* 2009; 43: 401-406.